

O BIBLIOTECÁRIO COMO AGENTE HISTÓRICO: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação”*

Fabrizio José Nascimento da Silveira**

RESUMO

Analisa, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, o conjunto das atividades que demarcam o fazer profissional dos bibliotecários. Para tanto, apresenta a imagem do bibliotecário humanista e seu papel de “zelador” dos segredos mantidos por uma biblioteca. Posteriormente, e dando curso à evolução histórica, insere os bibliotecários no conjunto dos Modernos Profissionais da Informação, sujeitos que participam ativamente de todas as etapas do ciclo informacional e mantêm íntimo contato com as tecnologias da informação. Nesse percurso, faz uma análise das competências, habilidades e exigências de formação teórico-prática que o atual mercado de trabalho requer.

Palavras-chave: BIBLIOTECÁRIO – AGENTE HISTÓRICO
BIBLIOTECÁRIO – FAZER PROFISSIONAL
BIBLIOTECÁRIO HUMANISTA
MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO
FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

* Este artigo é uma síntese do quarto capítulo de minha dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – ECI/UFMG em setembro de 2007 sob orientação da Profa. Dra. Alcenir Soares do Reis, a quem sou ligado por afeição, solidariedade intelectual e profunda gratidão. Vale ressaltar que a referência completa da mesma encontra-se citada nas fontes bibliográficas do presente texto.

** Bibliotecário e mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais - ECI/UFMG. Atualmente é professor substituto do Departamento de Organização e Tratamento da Informação - DOTI/ECI desta mesma instituição.
E-mail: fabrisilveira@gmail.com.

I INTRODUÇÃO

Se algum estudioso dos fenômenos históricos tomasse para si a árdua tarefa de reconstituir e explicar os múltiplos movimentos que possibilitaram a emergência daquilo que se convencionou denominar de *Sociedade da Informação*, certamente uma parcela importante deste trabalho ligar-se-ia à análise dos elementos que perpassam e que definem o ciclo informacional. Contudo, para ser validada, tal empreitada deveria considerar como objeto de estudo a diversidade de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que caracterizam a realidade daqueles que produzem, organizam, disseminam e acessam informação.

Visando colaborar para que este projeto se efetive em um futuro próximo, o presente estudo recupera a figura do bibliotecário e rediscute os atributos de seu fazer profissional. Percurso que se inicia reevocando a figura do bibliotecário humanista e seu ofício de “zelador” dos segredos mantidos por uma biblioteca para, posteriormente e dando curso à evolução histórica, inseri-lo no contexto dos *Modernos Profissionais da Informação*, sujeitos que participam ativamente de todas as etapas que compõem o ciclo informacional.

Neste sentido, e partindo de uma experiência literária, a primeira sessão busca salientar que o *labor* bibliotecário caracterizou-se, durante séculos, como uma ocupação permeada por mistérios e desenvolvida por intelectuais dotados de vasta cultura humanística, grande capacidade de organização e devotado amor aos

livros. Ressalta-se ainda que a partir de meados do século XX, e como mais uma conseqncia do advento da modernidade, emergem-se inúmeras discussões em torno da valorização dos fazeres que demarcam a atuação deste profissional.

Isto porque, o surgimento das tecnologias da informação, aliado a constituição de um mercado global centrado no acesso remoto aos signos informacionais passou a requerer novas competências, habilidades e funções sociais para os bibliotecários. Característica que impo a necessidade de se repensar os padrões teóricos e práticos que permeiam a formação educacional do *Moderno Profissional da Informação*. Discussão que se converte no cerne da segunda sessão deste texto, onde se pretende demonstrar que aquilo que efetivamente se altera no perfil de bibliotecário exposto acima  o fato desta nova categoria de profissionais apresentarem em seu ofício, além das funções tradicionais ligadas a biblioteca, um crescente envolvimento com as tecnologias da informação e da comunicação (TICs), bem como com os diversos procedimentos administrativos que permeiam sua produção, organização, preservação e disseminação.

Busca-se, assim, indicar que neste cenário que enfatiza a gestão dos sistemas e dos suportes informacionais, o bibliotecário deixa de ser o único profissional a ostentar os signos informacionais como matéria-prima de seu *labor*. A ele se somam documentalistas, arquivistas, administradores, analistas de sistemas, jornalistas, dentre outros.

Mudança estrutural que nos permite salientar, ainda, que para se manter no mercado de trabalho os *Modernos Profissionais da Informação* devem possuir, ao lado dos atributos necessários as etapas de tratamento da informação, um sem número de competências e habilidades que os tornem capazes de atuar em espaços multidisciplinares e responderem satisfatoriamente as demandas informacionais dos inúmeros usuários com que travam contato, além de interpretar criticamente o lugar assumido pela informação no processo de constituição das esferas sociais, econmicas, políticas e culturais contemporâneas. Ou seja, como elemento estratégico e indispensável ao processo de democratização dos recursos oriundos das mais variadas atividades humanas.

Portanto, buscando aprofundar o quadro de referências acima apresentado, o presente artigo almeja apontar a necessidade de se

repensar os parâmetros que regem a formação educacional dos bibliotecários. Movimento necessário para que este profissional possa continuar a exercer a atividade de produzir conhecimentos que contribuam para a solução de problemas relacionados a coleta, organização, preservação e disseminação da informação e de toda a herança cultural que viabiliza a vida em sociedade.

2 O BIBLIOTECÁRIO HUMANISTA

Talvez a lição mais importante que Roland Barthes tenha nos legado em sua "*Aula*" inaugural para a cadeira de Semiologia Literária do Collge de France em 1977 seja aquela que destitui o texto literário de seu caráter meramente descritivo. Para o referido autor, o signo lingstico não se encontra preso a um conteudo apenas, visto ser capaz de, e está  condição própria de sua existência, dialogar com os vários vrtices (o cultural, o social, o político, entre outros), que possibilitam ao leitor mobilizar a gama de impressões, sentimentos e conhecimentos necessários para interpretar o mundo que o cerca e, ao mesmo tempo, tornar-se verdadeiramente membro deste.

Sendo assim, ao assinalar que o discurso literário não se detém na estagnação e na fixidez inerente a todo discurso científico, Roland Barthes defende que a literatura realiza, por meio da escritura, a façanha de conceber redes variadas de saberes e transformar conceitos estanques em fronteiras móveis que se potencializam e adquirem sentido pelo aspecto múltiplo da palavra. Para tanto, onde existiria um único ponto de vista, a literatura faz emergir inúmeros outros ângulos de compreensão. Ou, como aponta o próprio autor:

[...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles, ela lhes d um lugar indireto, e esse indireto  precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada em relação a esta. A ciência  grosseira, a vida  sutil, e  para corrigir esta distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca  inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de

alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens. (BARTHES, 2004; p.18-19).

o texto ou a obra de arte. (STEINER, 2001, p.151).

É nesse sentido que, ao demonstrar o caráter abrangente da literatura, Roland Barthes pôde reconhecer a pertinência do discurso literário e postular que, através da escritura, a linguagem trabalha vorazmente incluindo a diversidade e a multiplicidade em sua criação. Ao contrário do discurso científico que tem compromisso com as regras e normas, ou seja, com a epistemologia.

Portanto, de acordo com a proposta barthesiana, a literatura serve para corrigir a distância existente entre ciência e ficção, visto que, para este pensador francês, as forças de liberdade que residem no texto literário não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinário de sua obra, mas do trabalho de deslocamento que ele exerce sobre a língua. Não por acaso, na ordem do saber formulado por Barthes, “para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo”. (BARTHES, 2004, p.21).

Formulação que traz sobrescrito em seu cerne o seguinte paradigma: ao contrário da rigidez conceitual da ciência, o saber literário, através do confronto entre leitor e texto, amplia a compreensão das coisas que nos cercam e nos ajuda a lidar com nossa própria e intransferível morte, na medida em que trabalha ludicamente com a noção de duplicidade que está presente na condição humana. A duplicidade resultante da alteridade intrínseca dos seres humanos. Em sua operação de fazer girar os signos, o discurso literário nos permite representar o real e melhor nos compreendermos como sujeitos históricos inseridos em uma determinada realidade espaço-temporal, visto que a leitura, a interpretação e o julgamento estético:

[...] por mais espontânea que seja sua expressão, por mais provisórios ou equivocados que possam ser, advém de uma câmara de ecos onde ressoam os pressupostos históricos, sociais e técnicos que informam o reconhecimento: uma espécie de decifração eventual, de avaliação informada que analisa o encontro da nossa sensibilidade com

Em outras palavras, através da interpretação do texto literário e da linguagem dos poetas e contadores de histórias adquirimos a capacidade de buscar o conhecimento indireto que encena o sentido do fim que nos atravessa e reconhecer algo que não sabíamos que conhecíamos. Em suma, são as vozes dos discursos literários que dão ao mundo sua aparência de narratividade, que concentram e dramatizam a matéria-prima da experiência, que traduzem a tristeza e o encantamento em prazeres estéticos. Razão pela qual a literatura se apresenta como instância indispensável para a compreensão, pelo homem, de suas circunstâncias de vida e de sua própria história. Portanto, embora não almeje alcançar a verdade, o discurso ficcional fornece elementos e fragmentos que permitem ao leitor reconstruir momentos reais que marcaram sua trajetória de vida ou de todo um período histórico.

No entanto, para que a literatura alcance o status de referencial simbolicamente instituído e compartilhado, as palavras geradoras de sentido não devem ser entendidas como simples instrumentos poéticos ou estéticos. São antes, “um objeto sensual, núcleo de onde pode expandir-se todo um movimento textual ou, inversamente, concentração ideal, lugar onde se condensa todo um pensamento” (PERRONE-MOISÉS, 2004, p.71). É, pois, através deste movimento que nos tornamos capazes de interpelar a realidade por intermédio das analogias e contrastes que o encantamento e a experiência literária nos proporcionam.

Neste sentido, por ser o ofício de bibliotecário o tema central deste artigo, tomemos a obra *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco, como exemplo de análise e explicitação das várias relações que se estabelecem entre o discurso literário e a história factual dos homens.

O livro *O Nome da Rosa* foi escrito em 1980 e narra os eventos ocorridos no interior de um mosteiro Beneditino do século XIV, mais precisamente entre os anos de 1316 a 1334 onde, durante o papado de João XXII, sete assassinatos misteriosos se sucedem no decorrer de uma semana, todos ligados à tentativa de se barrar o acesso ao segundo volume da *Poética*, livro de Aristóteles considerado profano pelo bibliotecário. “Ao instaurar a dúvida sobre se

Jesus Cristo sorriu alguma vez em sua vida, de alguma situaao ou de alguem, o autor critica impiedosamente determinadas questoes, no seu entender sibilinas e ridulas, que os teologos debatiam entre si". (CASTRO, 2006, p.3).

Enredo que evidencia o embate clássico entre fe e razao tao recorrentes em nossa historia, bem como o esforço da Igreja Catolica para manter inabalaveis seus dogmas e criterios de verdade. Contudo, ha ainda uma narrativa de maior importância para nos. Ao mergulhar no mundo e nas historias que cercam o universo das bibliotecas medievais, Umberto Eco retrata o poder e a funao social que estas exerceram ao longo dos tempos, bem como as estrategias estruturais e organizacionais utilizadas para se impedir o acesso ao conhecimento.

Como labirinto terreno e espiritual, a biblioteca de *O Nome da Rosa*:

[...] tinha mais livros que qualquer outra biblioteca cristã do Oriente ou do Ocidente, o que a tornava objeto de desejo e admiraao por parte de outras abadias. O *scriptorium*, como centro de copias, de miniaturizaao e de ilustraao, abrigava uma equipe de especialistas no tratamento e concepao de livros. Dirigidos pelo bibliotecário, esses profissionais executavam seu trabalho do nascer ao por-do-sol, seguindo ferreas regras. O bibliotecário – e tao somente ele – detinha o conhecimento total das obras guardadas nas salas e armários. (CASTRO, 2006, p.4).

Demonstrando íntima relaao de similitude com a historia das bibliotecas, o livro acima mencionado retrata e rediscute a disputa de poder que por longa data se instaurou entre aqueles que produziam, organizavam e controlavam a circulaao dos saberes humanos e os corajosos que infringiam as regras de acesso a textos proibidos em busca de conhecimento.

De fato, e no período historico em que a narrativa de *O Nome da Rosa* se desenrola que a biblioteca adquire o status de espaço privilegiado para a organizaao, preservaao e difusao de toda aquela materialidade simbolica capaz de representar uma cultura. Eram espaços fechados sobre si mesmos, um universo de regras proprias que pretendiam substituir ou traduzir as do universo informe ao redor. Eram, ainda, grandes centros de estudos, de trocas de informaçao, leitura, educaao e sociabilidade. No entanto,

o que nos chama mais atenao neste grande romance não e a biblioteca em si ou os inumeros assassinatos que nela ocorrem, mas sim, a figura de seu bibliotecário.

Jorge, personagem central da historia de Umberto Eco, e um monge cego e o grande responsavel pela organizaao e guarda de todos os segredos da monumental biblioteca do mosteiro. Biblioteca capaz de comportar todos os segredos acumulados no mundo e propiciar aos usuários um poder são avaliado pelos eruditos que, de fato, conheciam com intimidade as potencialidades de um tesouro como aquele.

Analisando com maior acuidade as características fisicas e intelectuais de Jorge, autoridade máxima naquele universo de livros, percebemos as potencialidades da metáfora que seu nome e ofício carregam. Jorge e uma personagem figurativa para homenagear o escritor argentino Jorge Luis Borges, poeta e presidente da Biblioteca Nacional de seu país por mais de dezoito anos e que, mesmo portando uma visao rarefeita, conseguiu atribuir sentido  logica ilogica das classificaoes biblioteconmicas e criar, através de sua prosa poetica, as mais belas figuraoes do fazer bibliotecário.

Compartilhando das mesmas paixoes borgianas, o bibliotecário de Umberto Eco e um sujeito dotado de imensa capacidade organizativa, que constroi arqueologias para tratar, ordenar, classificar e conservar os signos sob sua custódia. Mas, diferentemente do primeiro, em *O Nome da Rosa*, Jorge não presa pela difusao do conhecimento, mas antes, por sua clausura. e o que pode ser deduzido da passagem que se segue, na qual o bibliotecário explica a utilidade de seu trabalho a Frei Guilherme de Baskerville:

Mas de nosso trabalho, do trabalho de nossa ordem, e em particular do trabalho deste mosteiro faz parte – aliás e a sua substância – o estudo e a custódia do saber. A custódia, digo, não a busca, porque e proprio do saber, coisa divina, ser completo e definido desde o inicio, na perfeiao do verbo que exprime a si mesmo. A custódia, digo, não a busca, porque e proprio do saber, coisa humana, ter sido definido e completado no arco dos seculos que vai desde a pregaao dos profetas  interpretaao dos padres da igreja. Não há progresso, não há revoluao de períodos na historia do saber, mas no máximo, contínua e sublime recapitulaao. [...]

Eis aí a responsabilidade de nossa ordem durante os séculos, e o fardo de nossa abadia hoje: orgulhosos das verdades que proclamamos, humildes e prudentes em preservar as palavras inimigas da verdade, sem nos deixarmos conspurcar por elas. Ora, meus irmãos, qual é o pecado de orgulho que pode tentar um monge estudioso? O de entender o próprio trabalho não como custódia mas como busca de alguma notícia que não tenha sido ainda dada aos humanos. (ECO, 1983, p.452-453).

Por serem os livros objetos escassos durante toda a Idade Média, somente os monges designados como bibliotecários transitavam, como pode ser deduzido da passagem acima, livremente entre os volumes e mistérios de uma biblioteca. Somente eles decidiam como e se outros monges poderiam acessá-los. Isto porque, até aquele momento e como recurso para se manter a soberania sobre certos conhecimentos, as bibliotecas eram encobertas por uma aura mística e obscura, onde alguns homens devotados trabalharam durante séculos seguindo férreas regras. Portanto:

Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação. (ECO, 1983, p.53-54).

De fato, se fizermos uma incursão pela história da Biblioteconomia veremos que a figura do bibliotecário emerge para o grupo das profissões humanas como o artífice responsável pela organização e salvaguarda do patrimônio intelectual concebido ao longo dos tempos. De Calímaco, célebre bibliotecário de Alexandria, passando por Gabriel Naudé, Gottfried Wilhelm Leibniz e chegando a Borges, os bibliotecários foram representados como sábios humanistas portadores de uma memória prodigiosa, capaz de atribuir sentido e ordem às várias facetas do saber que vertiginosamente se acumula.

Este perfil de bibliotecário, em sua maioria filósofos, cientistas, poetas ou religiosos, era

sustentado por uma sólida formação erudita a partir da qual, e por intermédio de sua atividade profissional e intelectual, interferia diretamente na paisagem sócio-cultural onde se encontrava aloçado. Neste quadro de formação humanística “as atividades dos bibliotecários estavam voltadas para a cultura, para a educação, para o saber, para o conhecimento, tendo características que permitiam incluí-los como segmentos direcionados para atender necessidades no âmbito do espírito do homem”. (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p.45).

Portanto, para aqueles que objetivassem exercer o ofício de bibliotecário eram necessárias qualidades como amor à leitura e prazer para o trato com os livros; aguçado senso de organização; perspicácia para criar e manejar inúmeros sistemas classificatórios; dominar com fluência idiomas modernos e antigos, especialmente o latim e o grego para acesso aos mistérios e segredos do conhecimento; além de compreender os processos de produção e circulação do escrito. Estes foram, durante longa data, atributos requeridos e difundidos pelas escolas de formação de bibliotecários, especialmente pela École des Chartes francesa.

Aliando-se, pois, à aura lúgubre e misteriosa que por longa data caracterizou as bibliotecas, a figura do bibliotecário se edificou na história como o agente que protege os livros da usura do tempo, das intempéries da natureza e da loucura dos homens. De Alexandria ao início do século XX, a atividade dos bibliotecários se caracterizou pelo silêncio, pela solidão, pelas arduas práticas de organização do conhecimento, pelo amor ao livro e à leitura e pelo imenso respeito à memória dos homens e seus símbolos culturais. Talvez por este motivo, mesmo funcionando como um artifício retórico-poético, Umberto Eco levante a seguinte questão:

Para esses homens devotados à escritura a biblioteca era ao mesmo tempo a Jerusalém celeste e um mundo subterrâneo no limite entre a terra desconhecida e os infernos. Eles eram dominados pela biblioteca, por suas promessas e proibições. Viviam com ela, por ela e talvez contra ela, aguardando culposamente o dia de violar todos os seus segredos. Por que não deveriam arriscar a vida para satisfazer uma curiosidade de sua mente, ou matar para impedir que alguém se apropriasse de

um seu bem guardado segredo? (ECO, 1983, p.216).

Inquietao que ainda não encontrou seus pontos de elucidao, tornando-se mais complexa a partir do momento em que o desenvolvimento tecnológico e urbano que pautou os fundamentos da modernidade impôs a necessidade de se pensar novos parâmetros para a formao dos bibliotecários. Isto porque, a partir dos primeiros anos do século XX este profissional deixa de ser encarado como um erudito que deve dominar todos os segredos contidos nos acervos de uma instituio do conhecimento, para se tornar um facilitador do acesso  informao.

Neste novo contexto, que conta ainda com o surgimento das tecnologias da informao e da comunicao e  atravessado pela emergência de um mercado informacional constituído por usuários cada vez mais exigentes em relao às suas demandas, evidencia-se, sobremaneira, a necessidade de se constituir um novo perfil profissional e educacional para o bibliotecário. Ou seja, se antes suas aoes práticas e intelectuais limitavam-se ao espaço físico de uma biblioteca, os novos usos das tecnologias da informao fazem com que os serviços informacionais transponham os limites físicos e institucionais que cerceavam seu ofício. Mais do que nunca a globalizao acena para crescentes níveis de competitividade local e global, valorizando e reestruturando as formas de acesso  informao, do mesmo modo que promove a busca por recursos humanos altamente qualificados para responder aos desafios que ora emergem.

Para corresponder às exigências deste novo quadro de referências, instituiu-se como tarefa imediata dos sistemas educacionais que oferecem carreiras no campo da informao incorporar as dimensões estruturais que demarcam a contemporaneidade, tendo-se em vista atender suas especificidades e criar cenários favoráveis para a satisfao das demandas sociais. Sendo assim, visando acompanhar as drásticas transformaes culturais, políticas e econmicas que caracterizam o atual momento histórico, os profissionais da informao devem incorporar  sua ao prática habilidades, atitudes e conhecimentos que lhes propiciem os meios adequados para responder satisfatoriamente às múltiplas esferas que diariamente requerem seus préstimos. Mas o que diferencia o *Moderno*

Profissional da Informao de um bibliotecário humanista?  possível conjugar estes dois perfis em uma proposta integrada de ensino-aprendizagem?  o que veremos a seguir.

3 O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAO

Construir um novo perfil de atuao para os bibliotecários e inseri-los no rol das atividades que impulsionam o moderno mercado da informao exigiu repensar os atributos que por longa data definiram o saber biblioteconmico. Para tanto, tornou-se necessário converter uma área que se preocupava apenas em satisfazer às necessidades espirituais do homem através do exercício de preservao, organizao e disseminao do escrito em uma profissão que participa ativamente de todas as facetas do circuito de produo informacional. Neste sentido, e apontando para um panorama em permanente evoluo histórica, enfatizamos que:

Discutir perfil profissional do bibliotecário hoje  discutir a funo profissional no atual contexto social, que exige que a prática profissional se modifique para atender expectativas novas e diversificadas que emergem da sociedade. Tornam-se necessárias novas competências e atitudes e isto  indissociável da questão da formao profissional, pois os traços almejados para compor o perfil fornecem as diretrizes para o estabelecimento das necessidades básicas de aprendizagem. (MÜLLER, 1989, p.63-64).

Sendo assim, ao inserir-se em um contexto onde a informao adquire força capaz de intervir na construo dos vários contextos sócio-históricos, o *Moderno Profissional da Informao* (MIP) passa a ser identificado como:

Todos aqueles que estão vinculados, profissional e intensivamente, a qualquer etapa do ciclo vital da informao e, portanto, devendo ser capaz de operar eficiente e eficazmente todas as etapas relativas ao manejo da informao em organizaes de qualquer tipo ou em unidades especializadas de informao. (PONJUÁN DANTE, 2000, p.93).

Definio que nos permite apreender que o *Moderno Profissional da Informao* deve conjugar de maneira fluida o exercício das

rotinas tradicionais de uma biblioteca com o uso crescente das novas tecnologias informacionais, além de incorporar em seu fazer os inúmeros procedimentos administrativos que configuram as etapas de produção, captação, preservação e disseminação da informação.

Com isso, embora a biblioteca tenha se constituído historicamente como instituição responsável pela preservação dos estratos culturais que informam a vida humana e o bibliotecário se definido como profissional encarregado de pensar teórica e praticamente a viabilidade de tal projeto, nesta nova conjuntura que enfatiza a gestão dos sistemas, suportes e tecnologias informacionais, estes não mais se posicionam como os únicos artífices da informação. Isto porque, em virtude da expansão dos segmentos produtores e consumidores de insumos informacionais, a eles somam-se “documentalistas, arquivistas, museólogos, administradores, contadores, analistas de sistemas, comunicólogos, jornalistas, publicitários, estatísticos, engenheiros de sistemas, sociólogos, educadores, dentre outros”. (TARGINO, 2000, p.64-65). Razão pela qual o *Moderno Profissional da Informação*:

[...] também passa a ser cobrado a investir em seu aperfeiçoamento contínuo, seja este aperfeiçoamento pela via da educação continuada e/ou por aprendizado autônomo; por sua capacidade de articular e aprofundar conhecimentos que respondam às demandas do setor produtivo, ou por sua capacidade de transferir para o trabalho sua vivência profissional e sociocultural. A qualificação profissional passa a ser um “fator coadjuvante”, mas não determinante do sucesso profissional, uma vez que a estas se aliam à trajetória de vida do profissional (antes mesmo de sua formação acadêmica), suas aptidões culturais, profissionais, políticas e sociais. (ARRUDA; MARTELETO; SOUZA, 2000, p.21).

Neste sentido, se até recentemente o bibliotecário deveria possuir uma formação voltada para a preservação da cultura humana; para o apoio à educação como suporte ao processo de ensino-aprendizagem; para o estudo; à pesquisa e para o planejamento e administração dos recursos informacionais, sua fundamentação teórico-prática deve agora ampliar o escopo de

conhecimentos necessários à concretude de seu fazer profissional, tendo-se em vista priorizar premissas como: planejamento, gerência e processamento de sistemas de informação, além da concepção e uso das recentes tecnologias da informação e da comunicação - TICs.

Característica que promove uma grande mudança de paradigma visto que as preocupações dos bibliotecários não mais se circunscrevem aos limites físicos de um acervo, expandindo-se para o estudo do ciclo informacional como um todo. Com isso, além de enfatizarem em seus aspectos teóricos, práticos e tecnológicos os processos de coleta, organização e preservação da informação, devem também levar em consideração os fatores que demarcam sua concepção, circulação e acesso, além das conseqüências econômicas, políticas e sociais que influenciam na conformação histórica de uma dada paisagem cultural. Para tanto, em paralelo às atividades acima mencionadas, o mercado passou a exigir dos bibliotecários competências e habilidades que os capacitem a:

1. Entender, de maneira ampla, a informação como objeto de seu fazer profissional, tendo-se em vista estabelecer um quadro de referências acerca de suas teorias, paradigmas e aspectos legais;
2. Trabalhar de forma integrada e com equipes multidisciplinares com o objetivo de acompanhar as tendências mundiais em torno do desenvolvimento dos suportes e produtos de informação, conjugando formatos eletrônicos e digitais às tecnologias de telecomunicações de modo a possibilitar acesso local ou remoto aos documentos informacionais;
3. Conhecer e utilizar as tecnologias da informação e da comunicação - TICs - como ferramentas de trabalho para a seleção, armazenamento, processamento e disseminação seletiva da informação;
4. Organizar o conhecimento por meio de ferramentas lingüísticas e conceituais adequadas, visando sua rápida recuperação;
5. Criar pontos de acesso físico e intelectual para a informação, independente se alocada em bases físicas ou on-line;
6. Interpretar criticamente o lugar assumido pela informação no processo de edificação das várias esferas sociais, econômicas,

políticas e culturais contemporâneas, bem como elemento estratégico para a democratização dos recursos oriundos da práxis humana.

Razão pela qual, e conforme atesta VALENTIM (2002, p.123-127), constatada a necessidade de se prover uma resposta satisfatória a este quadro de exigências oriundas do mercado de trabalho, a classe bibliotecária definiu, através do documento final da *Reunião de Diretores do IV Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de La Información Del Mercosur*, realizado em Montevideu no ano de 2000, um conjunto de competências e habilidades básicas para compor o perfil do Moderno Profissional da Informação, são elas¹:

Competências de Comunicação e Expressão

- Capacitar e orientar os usuários para um melhor uso dos recursos informacionais disponíveis em uma unidade de informação;
- Elaborar produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação, etc.);
- Planejar e executar estudos de usuários dos sistemas de informação.

Competências Técnico-Científicas

- Desenvolver e executar o processamento de documentos em distintos suportes, unidades e serviços de informação;
- Selecionar, registrar, armazenar, recuperar e difundir a informação gravada em qualquer meio para os usuários de unidades, serviços e sistemas de informação;
- Planejar, constituir e manipular redes globais de informação;

¹ É importante ressaltar que embora as competência e habilidades que se seguem tenham sido definidas e sistematizadas no *Encuentro de Directores de Escuelas de Bibliotecología y Ciencia de La Información Del Mercosur*, sediado em Montevideu no ano de 2000, a grande efervescência de estudos em torno de uma atualização dos parâmetros que norteiam a formação teórico-prática dos Modernos Profissionais da Informação se dá em meados da década de 1990. Portanto, este conjunto de características já se encontra presente, em maior ou em menor medida, nos estudos realizados por ABEED (1998); GUIMARÃES (1997, 1998, 2000); MARCHIORI (1996); MASON (1990); MÜLLER (1989a, 1989b); NASTRI (1992); PONJUÁN DANTE (2000); SANTOS (1993, 1997, 2000); SMIT (2000); SOUZA (1991); TARGINO (2000); VALENTIM (2000); WELCH (1994), WITTER (1999), entre outros.

- Formular políticas de pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- Realizar perícias referentes à autenticidade, antigüidade, procedência e estado geral de materiais impressos de valor bibliográfico.

Competências Gerenciais

- Formular, dirigir, administrar, organizar e coordenar unidades, sistemas, projetos e serviços de informação;
- Prestar assessoria ao planejamento de recursos econômico-financeiros e humanos do setor;
- Planejar, constituir e manipular redes globais de informação.

Competências Sociais e Política

- Buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais;
- Prestar assessoria referente à formulação de políticas de informação;
- Fomentar uma atitude aberta e interativa com os diversos atores sociais (políticos, empresários, educadores, trabalhadores e profissionais de outras áreas, instituições e cidadãos em geral) que configuram o atual ciclo informacional;
- Identificar as novas demandas sociais de informação.

Habilidades

- Utilizar as metalinguagens pertinentes à preservação, organização e disseminação da informação;
- Demarcar campos específicos e integrar conteúdos de áreas correlatas em uma perspectiva multidisciplinar;
- Processar documentos, quaisquer que sejam os suportes, linguagens e formatos de acordo com as teorias, paradigmas, métodos e técnicas da área;
- Desenvolver ações pedagógicas voltadas para melhoria do desempenho profissional e para ampliação do conhecimento em geral;
- Responder às demandas sociais determinadas pelas transformações

tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.

Se dispensarmos um olhar cuidadoso sobre este conjunto de competências e habilidades, perceberemos que a atuação profissional dos bibliotecários na contemporaneidade não destoia das características que historicamente demarcaram seu papel social. Ainda é parte integrante de seu ofício as atividades de coleta, preservação, organização e disseminação dos documentos informacionais concebidos pela atividade racional humana.

Contudo, se até o advento da modernidade tais funções se restringiam aos limites de uma biblioteca e às especificidades de seus acervos físicos, o crescente uso das tecnologias da informação e da comunicação, aliada à virtualização dos documentos informacionais e ao surgimento de usuários cada vez mais conscientes de suas demandas impõem a necessidade de se reestruturar as dinâmicas que por longa data caracterizaram seu perfil de atuação profissional. Devendo, pois, ser capaz de interagir com todas as etapas que perfazem o ciclo vital da informação, mostrando-se consciente da importância que a mesma assume para o desenvolvimento político, econômico, social e cultural do indivíduo e de toda uma coletividade.

Neste contexto, em virtude das tecnologias da informação implodirem as barreiras impostas pelo tempo e pelo espaço, além de instituírem novos parâmetros e valores para o acesso à informação, o panorama atual passou a exigir que tais profissionais adotem uma postura investigativa e crítica acerca de suas atividades com o objetivo de incorporar gradativamente tais mudanças. Foi ancorando-se nesta constatação que os estudos sobre a reformulação dos padrões que definem a formação acadêmica dos bibliotecários ganharam o impulso necessário para se estabelecerem como campo de investigação.

Estudos que, por sua vez, tendem a demonstrar que estabelecer habilidades e competências para os Modernos Profissionais da Informação não é um problema. O problema está em definir propostas curriculares que revigorem, tal qual os desejos do mercado, os modelos de ensino-aprendizagem que historicamente definiram a Biblioteconomia como campo de conhecimento.

Sendo assim, toda discussão que se proponha a revitalizar os tradicionais modelos de formação de bibliotecários deve levar em consideração a urgência de se estabelecer um equilíbrio entre conhecimentos teóricos, de cunho humanístico, e aqueles voltados para as técnicas de seleção, organização, preservação e disseminação dos signos informacionais. Isto porque, priorizar qualquer um destes dois pólos de saberes seria difundir uma proposta de ensino-aprendizagem separada do social que apenas contribui para a homogeneização da sociedade em torno de valores, normas, idéias e comportamentos dominantes, além de privar o bibliotecário de seu papel de agente histórico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explicitamos em vários momentos deste texto que, se as bibliotecas se constituem historicamente como espaços permeados por tensões e contradições que refletem os interesses, as fraquezas e a pluralidade cultural de seus interlocutores, os bibliotecários, através do exercício de coleta, organização, preservação e disseminação da informação, capitalizam essa herança e permitem aumentá-la graças a atividade coletiva daqueles que a exploram.

Por isso, postulando que o bibliotecário se posiciona no centro do processo de socialização e democratização da informação, nos sentimos instigados a investigar como tal ofício emerge para a história das profissões, com o objetivo de contribuir para as recentes discussões em torno do processo de revitalização dos modelos que definem sua formação teórico-prática. .

Iniciando nossa busca, apuramos que a primeira imagem que a história reserva a este profissional é a do “bibliotecário humanista”, do zelador cuidadoso de todos os segredos mantidos por uma biblioteca. Razão pela qual foram quase sempre representados como sábios portadores de uma memória prodigiosa, capaz de atribuir sentido e ordem às várias facetas do saber que vertiginosamente se passa a acumular. Este perfil de profissional, em sua maioria filósofos, cientistas, poetas ou religiosos era sustentado por uma sólida formação erudita a partir da qual, e por intermédio de suas atividades práticas e intelectuais, interferia diretamente na paisagem cultural do lugar onde exibiam seus feitos.

Com o avançar do tempo, verificamos que para manter sua reserva de mercado os bibliotecários se viram obrigados a se posicionarem na categoria dos *Modernos Profissionais da Informação* (documentalistas, arquivistas, museólogos, administradores, analistas de sistemas, jornalistas, estatísticos, sociólogos, educadores, dentre outros), sujeitos que participam ativamente de todas as etapas do ciclo informacional e travam íntimo contato com as tecnologias da informação.

Neste contexto, em virtude das tecnologias da informação e da comunicação implodirem as barreiras impostas pelo tempo e pelo espaço, além de instituírem novos parâmetros e valores para o acesso à informação, o panorama atual passou a exigir que tais profissionais adotem uma postura investigativa e crítica acerca de suas atividades com o objetivo de incorporar gradativamente tais mudanças. Foi ancorando-se nesta constatação que os estudos sobre a reformulação dos padrões que definem a formação acadêmica dos bibliotecários ganharam o impulso necessário para se estabelecerem como campo de investigação.

Contudo, o elemento de maior importância a ser apreendido após todo este percurso é aquele

que nos informa que estabelecer habilidades e competências para os Modernos Profissionais da Informação não é um problema. O problema está em definir propostas curriculares que revigorem os modelos de ensino-aprendizagem que possibilitaram a Biblioteconomia se desenvolver enquanto campo de conhecimento.

Portanto, se o objetivo deste artigo era chamar atenção para a especificidade e para a importância do *labor* bibliotecário, tendo-se em vista fornecer elementos críticos que sustentem o processo de reformulação de sua formação teórico-prática, as reflexões aqui apresentadas nos permitem apreender que revitalizar a imagem do bibliotecário significa imbricar, em medidas iguais, a natureza humanística e técnica do conjunto de saberes que o define como um profissional da informação. Visto que, como apontamos anteriormente, priorizar qualquer um destes dois pólos de saberes seria difundir uma proposta de ensino-aprendizagem separada do social que apenas contribui para a homogeneização da sociedade em torno de valores, normas, idéias e comportamentos dominantes, além de privar o bibliotecário de seu papel de agente histórico.

The librarian as a historical agent: from “humanist” to “Modern Information Professional”

ABSTRACT

This paper intends to analyze, from a social-historic perspective, the set of activities that marks the librarian professional actions. To do so, it presents the image of the ‘humanist’ librarian and its role as a “caretaker” of secrets kept within a library. Then, following the historical evolution, the librarian is inserted in the group of Modern Information Professionals, those who effectively take part in all the informational cycle and are intimate with the information technology. Towards its aims this paper analyzes competence, skills and the theoretical and practical formation demands the present work market asks.

Keywords:

LIBRARIAN – HISTORICAL AGENT
LIBRARIAN – PROFESSIONAL ACTION
HUMANIST LIBRARIAN
MODERN INFORMATION PROFESSIONALS
LIBRARIAN FORMATION

Artigo recebido em 15/04/2008 e aceito para publicação em 12/07/2008

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000, p.31-51. (Palavra-Chave; 11).
- APPLE, Michael W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. *Ci. Inf.*, Brasília, v.29, n.3, p.14-24, set./dez. 2000.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO. *Moderno profissional da informação: o perfil almejado pelos cursos de Biblioteconomia brasileiros*. Porto Alegre: ABEDB, 1998. (Documentos ABEBD; 13).
- BARTHES, Roland. *Aula*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formações, competências e habilidades. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. (Orgs.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004, p.55-69. (Estudos Avançados em Ciência da Informação; 3).
- CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre "O nome da rosa". *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v.4, n. esp., p.1-20, 2006.
- CASTRO, César Augusto. *História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus, 2000.
- CASTRO, César; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v.1, n.1, p.41-52, jan./jun., 2004.
- EGGERT, Gisela. A percepção social do profissional bibliotecário: uma pesquisa exploratória. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v.1, n.1, 1996, p.33-48.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. *Ci. Inf.*, Brasília, v.32, n.1, p.42-49, jan./abr. 2003.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: a formação, mercado de trabalho e o exercício profissional. *CFB Informa*, Brasília, v.3, n.2, p.6-7, abr. 1998.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. *Transinformação*, Campinas, v.9, n.1, p.124-137, jan./abr. 1997.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000, p.53-70. (Palavra-Chave; 11).
- LIMA, R. M. de A. *A construção social da biblioteconomia no Brasil: a dimensão político-pedagógica do fazer bibliotecário*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1999.
- MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARCHIORI, Patrícia. Que profissional queremos formar para o século XXI - graduação. *Inf. & Inf.*, Londrina, v.1, n.1, p.27-34, jan./jun. 1996.
- MASON, Richard O. What is an information professional. *Journal of Education for Library and a Information Science*, Arlington, v.31, n.2, p.122-138, 1990.
- MILANESI, Luís. A formação do informador. *Inf. & Inf.*, Londrina, v.7, n.1, p.7-40, jan./jun. 2002.
- MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. Reflexões sobre a formação profissional para Biblioteconomia e sua relação com as demais profissões de informação. *Transinformação*, Campinas, v.1, n.2, p.175-186, maio/ago. 1989.

- MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v.17, n.1, p.63-70, jan./jun. 1989.
- NASTRI, Rosemeire Marinho. Formação profissional do bibliotecário no Brasil, sob a perspectiva histórico-educacional. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.25, n.3/4, p.79-96, jul./dez. 1992.
- ORTEGA Y GASSET, José. Misión del bibliotecario. In: *Misión del bibliotecario y otros ensayos afines*. 2 ed. Madrid: Revista de Occidente, 1967; p.59-98.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lição de casa. In: BARTHES, Roland. *Aula*. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p.49-89.
- PONJUÁN DANTE, Glória. Perfil del profesional de información del nuevo milenio. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000, p.91-105. (Palavra-Chave; 11).
- SANTOS, Jussara Pereira. *O ensino de Biblioteconomia no Brasil: propostas de integração e harmonização curricular*. São Paulo: APB, 1997. (Ensaio APB; 41).
- SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. *Inf. & Inf.* Londrina, v.1, n.1, p.5-13, jan./jun. 1993.
- SANTOS, Jussara Pereira. O perfil do profissional bibliotecário. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000, p.107-117. (Palavra-Chave; 11).
- SILVEIRA, Fabício José Nascimento da. *Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil*. 2007. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SMIT, Johanna W. O profissional da informação e sua relação com as áreas de Biblioteconomia/ Documentação, Arquivologia e Museologia. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000, p.119-134. (Palavra-Chave; 11).
- SOUZA, Francisco das Chagas de. A construção escolar do bibliotecário: ontem, hoje, amanhã. *Ci. Inf.* Brasília, v.20, n.2, p.181-190, jul./dez. 1991.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional "bibliotecário" no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. *Enc. Bibli.: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.* Florianópolis, n.18, 2 sem. 2004, p.90-106.
- STEINER, George. *Nenhuma paixão desperdiçada: ensaios*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TARGINO, Maria das Graças. Quem é o profissional da informação. *Transinformação*, Campinas, v.12, n.2, p.61-69, jul./dez, 2000.
- VALENTIM, Marta Lúcia Pomin. Atuação e perspectivas profissionais para o profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000, p.135-152. (Palavra-Chave; 11).
- VALENTIM, Marta Lúcia Pomin. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002, p.117-132. (Palavra-Chave; 13).
- VALENTIM, Marta Lúcia Pomin. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. *Encontros Bibli: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis, n.9, p.16-27, jun. 2000.
- WELCH, Lee. The modern information professional: a very personal definition. *FID News Bulletin*, The Hague, v.44, n.4, p.47-48, 1994.
- WITTER, G. P. Profissional da informação: caracterização e busca de instrumentos para avaliação. *Transinformação*, Campinas, v.11, n.1, p.47-53, jan./abr. 1999.